

Esgoto, uma antiga ameaça

Mas o lago nem sempre foi como hoje, tão limpo. Concebido para emoldurar o Plano Piloto e para ser um ambiente propício à prática de esportes náuticos, o Paranoá chegou ao final da década de 60 dando sinais de poluição e contaminação. Em 1978, uma grande tragédia ecológica deixou a cidade cheirar mal por cerca de 10 dias, inviabilizando o uso das águas do lago por quase 20 anos.

Ele sempre foi o destino final do esgoto produzido por quase metade da população do Distrito Federal. Até meados dos anos 90, as estações de tratamento da Caesb situadas nas pontas do Paranoá faziam apenas o tratamento secundário, jogando muitos nutrientes nas águas do lago e favorecendo o aparecimento de algas.

Segundo Fernando Fonseca, diretor-geral do Iema, durante a construção de Brasília era clara a intenção de tratar o problema do esgoto. A questão era definir onde seriam lançados os efluentes conduzidos por 137,6 quilômetros da rede construída entre 1958 e 1960. Especialistas em estudos de algas alertavam que a escolha do Lago como destino final do esgoto favorecia a proliferação de algas, mas duas estações de tratamento secundário foram construídas na orla do Paranoá, uma no Lago Sul, no ano da inauguração da cidade, e a ETE Norte, em 1969.

Menos de uma década depois, o lago já apresentava três graves problemas: eutrofização (excesso de nutrientes), assoreamento e contaminação das águas. A solução, porém, só aconteceu nos anos de 1993 e 1994, quando as estações passaram a fazer o tratamento terciário do esgoto, controlando o nível de fósforo, nitrogênio, compostos orgânicos, sódio e potássio nos efluentes lançados no Paranoá. (M.E.)